

Fernando Pessoa

[Carta a Ophélia Queiroz — 26 Mar. 1920]

Meu querido Bebé pequeníssimo:

Estou no Martinho da Arcada, são 3 e meia da tarde, e tenho «completo» o meu dia — isto é, está feito tudo

quanto, de alguma importância, eu tinha que fazer antes das 6 horas. (Digo «antes das 6 horas» porque depois das

6 tenho que tratar de assuntos na Estrela). Sabes? Fui há perto de uma hora à Rua de Santa Marta, onde estão agora as cartas dos apartados. Para o snr. Crosse não havia nada (naturalmente a «libra» ou não chegou ainda ou vem registada, e ainda não distribuem os registos); nem havia nada para o Apartado 146, de meu primo. Com grande pasmo meu, porém, encontrei para o apartado 147 (o meu), além de uma carta e um postal para mim, uma carta *para minha mãe* e outra *para um dos meus irmãos* ! Como estas cartas têm carimbos de origem de 17 e 18 de Fevereiro, vejo que eles já não estavam no Transval nessa altura. Tenho, pois, por quase certo que embarcaram no «Lourenço Marques» e devem chegar a 4 de Abril, como te disse que chegariam se viessem nesse vapor.

Vou agora activar tudo. Vou passar alguns dias bonitos de trabalho. O que vou hoje fazer à Estrela é (não ver a mulher loura de olhos azuis!!!) mas tratar da mudança da mobília de minha mãe para a casa de lá.

Estou novamente com dores de garganta, e com medo de recair. Olha que brincadeira que era recair nesta altura, hein?!

Já tenho os meus papéis na [. . .]

Adeus, amor; pensa às vezes em mim, quando não estiveres distraída. . . Estou convencido (por minha parte) que gosto de ti. Sim, creio poder afirmar que tenho para contigo uma certa afeição.

Um regimento de beijinhos, do teu, sempre e muito teu

Fernando

26/3/1920

26-3-1920

Cartas de Amor. Fernando Pessoa. (Organização, posfácio e notas de David Mourão Ferreira. Preâmbulo e estabelecimento do texto de Maria da Graça Queiroz.) Lisboa: Ática, 1978 (3^a ed. 1994): 10.